



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

JADNA DA SILVA MENEZES

**UM PASSEIO SOBRE A RUA CONSELHEIRO FRANCO:
Urbanização e Modernidade em Feira de Santana (1951 –
1962)**

CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA

2018

JADNA DA SILVA MENEZES

**UM PASSEIO SOBRE A RUA CONSELHEIRO: Urbanização
e Modernidade em Feira de Santana (1951 e 1962)**

Trabalho Conclusão do Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial
para obtenção do título Graduação em Licenciatura em
História.

Orientador: Me. Igor José Trabuco da Silva

CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA

2018

JADNA DA SILVA MENEZES

**UM PASSEIO SOBRE A RUA CONSELHEIRO FRANCO:
Urbanização e Modernidade em Feira de Santana (1951 – 1962)**

Trabalho Conclusão do Curso
apresentado à Universidade do Estado da
Bahia, como requisito parcial para
obtenção do título Graduação em
Licenciatura em História.

Conceição do Coité, 20 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Igor José Trabuco da Silva

Prof. Me Antonio Villas Boas

Prof. Dr. José Ernane Carvalho Filho

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe (em memória) por estar ao meu lado até a metade dessa caminhada.

E minha bisavó (em memória) que mesmo não estando mais comigo ajudou a ser quem eu sou.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da minha vida, e ter proporcionado esta vitória.

A minha tia Rosa que me ajudou nesta batalha após a morte de mainha.

A meu tio Mano por me apoiar nesse fim de caminhada.

A meu afilhado "filho" Glayckson por seu carinho e parceria após a morte de mainha.

A minha família que se alegra com esta vitória. Em especial a minha avó Francisca (em memória).

A Joelma e Valdir meus padrinhos, por sempre terem um abraço e palavra de fé nesse caminho.

Aos meus irmãos Carla, Sandra, Rubinho, Wellington e Denílson por todo amor, apesar da distância, aos meus sobrinhos que tanto amo.

A minha amiga-irmã Gina e sua mãe Almerinda por me abrigarem nessa caminhada.

Aos meus colegas de turma, que me incentivaram a realizar o sonho desta graduação, como Patrícia pelo apoio e amizade. A Isis pelas brigas e amores.

As flores que a UNEB me apresentou Camila pelo apoio em todos e sentidos e sua doçura, a minha parceira e cúmplice desde o início Elaine, Geise por me ouvir, acreditar e apoiar.

Aos residentes por me acolherem, Denizinha pela companhia, Eder Lindo (in memória) que saudades, minha eterna colega de quarto Mariana, e em especial Cléia, sua mãe Nerinha e família por me adotar.

Aos outros professores por todo o aprendizado, Cezarela pelo acolhimento e abraço de mãe sempre ao encontrá-la, especialmente Kleber por me proporcionar a oportunidade de fazer parte do PIBID e me suportar como orientador sempre acreditando que conseguiria.

Igor por aceitar me ajudar na finalização do TCC e em outros momentos da graduação. A meu amigo e eterno mestre Emmanuel por acreditar em mim e ter sempre uma palavra de fé e confiança.

Ao culpado por estar cursando História o grande Riva, que me ensinou a amar essa disciplina e escolher a docência para mim.

Aos amigos que nesse caminhar me deram uma palavra de apoio.

RESUMO

O presente trabalho discute a modernização que aconteceu na Conselheiro Franco, uma das principais ruas de Feira de Santana, nos anos de 1951 a 1962, período em que compreendeu a segunda fase de modernização da urbe, e como esse ideal de modernidade impactou na Rua Conselheiro Franco, transformando-a de majoritariamente residencial para uma rua de comércio e serviços. Nesse período se intensificaram as transformações urbanas na urbe. A análise é desenvolvida com base na leitura de jornais e imagens da referida alameda e está inserida em uma concepção inerente à incorporação dos interesses da elite socioeconômica feirense. Esse estudo é desenvolvido tomando como base na análise de discussões de estudiosos sobre o processo de modernização, ressaltando assim a importância da rua nesse contexto e como existe a vontade da elite de apropriar-se e expulsar os pobres do centro, bem como problematizar as transformações estruturais do cenário urbano.

Palavras-chave: Modernidade. Imagem. Jornais, Rua.

ABSTRACT

The present work discusses the modernization that took place at Conselheiro Franco, one of the main streets of Feira de Santana, from 1951 to 1962, during which it included the second phase of modernization of the city, and how this ideal of modernity impacted Rua Conselheiro Franco, transforming it from mostly residential to a street of commerce and services. During this period urban transformations intensified in the city. The analysis is developed based on the reading of newspapers and images of this avenue and is inserted in a conception inherent in the incorporation of the interests of the socioeconomic elite of Feira. This study is developed based on the analysis of discussions of scholars on the modernization process, thus highlighting the importance of the street in this context and how there is the will of the elite to appropriate and expel the poor from the center, as well as problematizing the transformations of the urban landscape.

Key words: Modernity. Image. Newspapers. Street.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. A RUA DA DIREITA E A MODERNIDADE	12
1.1. A Rua Direita	15
1.2. Um passeio pela rua	16
1.3. A Rua Conselheiro Franco como símbolo de uma elite	25
1.4. Como a modernidade impacta na rua	26
2. A RUA CONSELHEIRO ENTRE IMAGENS E RECORDAÇÕES ...	32
2.1. Mudanças ocorridas na Rua C. Franco	32
2.2. Patrimônio/ Memória	38
3. CONCLUSÃO	42
4. REFERÊNCIAS	44
5. FONTES	48

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a Rua Conselheiro Franco, em Feira de Santana, através das mudanças provenientes da modernidade. Buscamos perceber a atuação dos moradores feirenses ao longo da rua, bem como o crescimento dos serviços e atividades comerciais da mesma. Esse trabalho é sobre a Rua Conselheiro Franco porque entendo que esse patrimônio aqui tem vivências, que o patrimônio aqui tem pessoas, tem memória tem história.

Às vezes me perguntam por que escolhi essa rua? Como disse Rio (2008, p. 15) “Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivessem para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós.”

Aprendi a amar e admirar essa rua ainda na infância ao passar por ela inúmeras vezes acompanhando minha mãe ao seu trabalho que era na Rua de Aurora, mas ele seguia pela Rua Conselheiro Franco até chegar a Rua 07 de Setembro localizada após o estacionamento onde ficava o Cine Teatro Santana, andávamos pela Rua Conselheiro Franco e descíamos a ladeira, me encantava olhar para os prédios das Filarmônicas. Quando mais adulta, me indignava a destruição dos casarões antigos para a construção de estacionamentos.

Então o desejo de conhecer e pesquisar o passado permitiu um olhar ampliado sobre a memória de Feira de Santana e da Rua Direita também conhecida como Conselheiro Franco com o intuito de analisar as mudanças na rua. A intenção de acompanhar as transformações da referida rua por meio das modificações arquitetônicas e estilísticas das construções feirense.

Apesar das dificuldades com fontes pude perceber que algumas residências foram vendidas através dos anúncios feitos no jornal, a maioria dessas vendas ocorre para partilha de bens dos herdeiros dessas famílias, segundo conversa com Franklin Machado um ex-morador da referida alameda.

Outro ponto que dificulta a pesquisa é a falta de registro desses locais, muitos prédios não possuem arquivo com os dados de sua inauguração, nem placas que contem sua história. Por exemplo, tinha o desejo de estender o recorte até a inauguração do Prédio do Hotel Mandacaru que não possui placas de inauguração e ou de reformas, só restando aos jornais contar a história.

Apesar da escassez de fontes, dificuldades com entrevistas que pudessem contribuir com a pesquisa e falta de acesso a outros periódicos da época, podemos contar com valiosos exemplares do acervo do jornal *Folha do Norte* presente no Centro de Estudos Feirenses, da Biblioteca Arnold Silva, literatos, memorialistas e algumas imagens para a execução da pesquisa.

O presente estudo destaca o processo de modernização que a cidade feirense vivencia entre os anos de 1951 a 1962 e se desenvolve a partir das reflexões teóricas de Lapuente (2015) para o uso dos jornais como fonte histórica. Ainda nesta parte de referências conceituais a modernidade apresenta-se com a afirmação de Queiroz (2008, p. 17) do desejo de uma cidade para forasteiro ver e apreciar que fosse espelho dos surtos econômico e civilizador no interior baiano, anunciando a nova era da modernização e civilização, promovendo, aos poucos, a modificação do espaço urbano e suas especificidades. Tais discussões se desenvolvem a partir das reflexões de Oliveira (2013, p.41), (Santos, p. 21) onde a cidade feirense sob a ótica da sociabilidade. Também contribuem com a pesquisa autores como Azevedo (2015), Queiroz (2008), Lima (2014), Pinheiro (2011), Souza (2008), Freitas (1998), Oliveira (2008), Pesavento (2008) Simões (2007) e Pinheiro (2011) explanando sobre a modernidade.

Outra referência é a uso de imagens com Santana (2004) e Molina (2015), e no tocante as fotografias se tem Kossoy (2005), Sontag (2004). E para finalizar os conceitos de Patrimônio e Memória faz uso de Choay (2001) e sobre as fontes orais Miekky (1996).

Sobre a veracidade e imparcialidade dos periódicos Santos

pondera que jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, que agregam pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. Assim, é também instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social (SANTOS, 2008, p.37)

Nesse sentido a presente pesquisa requer um olhar mais específico ao fazer uso da fonte referida, no caso o Jornal *Folha do Norte*¹. Santos

¹Jornal *Folha do Norte* fez sua primeira aparição em 1909, eram proprietários os três irmãos Arnold, Dálvaro e Raul Silva. Com a morte de Dálvaro Silva, o jornal continuou sob a responsabilidade dos seus 03 filhos Antonio, José Luiz e Hugo Navarro, já circulou com tiragem diária, semanal e quinzenal. (Almeida, 2002, p. 240).

pressupõe que de um modo geral, para a triagem do que seria divulgado na Folha do Norte levavam-se em consideração as relações profissionais, particulares e as afinidades político-ideológicas entre colaboradores e diretores. Essa citação se encaixa na pesquisa, pois mostra a limitação de olhar sobre a dinâmica envolvida. (SANTOS, 2008, p. 37).

Sobre o uso de jornais Lapuente (2015, p. 2) informa que apenas na década de 1970 os historiadores começaram a usar os jornais como fontes historiográficas. Esse temor por sua utilização se afirma, de acordo com Lapuente, na obsessão dos historiadores em busca da verdade

Até a primeira metade deste século [século XX], os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade. (LAPUENTE, 2015, p. 3).

No entanto Lapuente (2015, p. 4) assinala que o “uso metodológico ‘estanque’ pode deixar o pesquisador despercebido de que, mesmo com um perfil traçado, o jornal possui sua própria pluralidade de pessoas, de pensamentos e de posicionamentos nem sempre convergentes e de fácil percepção no seu interior”.

De encontro a isso se percebe que no jornal utilizado na pesquisa, o Folha do Norte não há essa pluralidade citada por Lapuente, uma vez que não havia outras visões, pois, os donos do periódico faziam parte da elite. Nesse estudo dos folhetins Santos expõe que

o jornal Folha do Norte, por ser único jornal local, nesse período, e por estar envolvido com a política da cidade, não poderia macular a imagem de Feira de Santana. Seus diretores também entraram na disputa eleitoral e nessas épocas sempre tinham aliados. O jornal abrigou debates acalorados em épocas pré-eleitorais e sempre teve o perfil de se posicionar e de opinar sobre esses assuntos. (SANTOS, 2008, p. 120)

Como se pode perceber no trecho acima o jornal tinha interesse no desenvolvimento urbanístico de Feira de Santana, o que implicava na reestruturação de avenidas, ruas e seus serviços. Portanto nessa busca pela modernização o jornal Folha do Norte do dia 14 de Abril de 1951 traz a matéria sobre a necessidade de um Projeto de lei sobre o plano urbanístico da cidade

“Na última segunda feira o vereador Wilson da Costa Falcão, encaminhou à mesa da Câmara de Vereadores um requerimento solicitando ao Executivo que fosse elaborado, por parte da Prefeitura Municipal, o plano urbanístico da cidade. Mostrou o citado vereador a necessidade que tem uma cidade de um plano urbanístico. O requerimento foi aceito por unanimidade. Um vereador apoiou o citado requerimento dizendo que são inúmeros os erros urbanísticos

nesta urbe....” (Jornal Folha do Norte Ano XLI, nº 2168, dia 14 de abril de 1951 página 02).

Esse plano urbanístico foi instalado em 1964², além desse plano ocorreu à criação do Plano de Desenvolvimento Local Integrado PDLI implementado em 1971³ pelo Prefeito João Durval Carneiro⁴.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos, o primeiro capítulo teve por objetivo apresentar a modernidade na cidade, inicialmente foi realizada uma explanação dos fatores modernizantes na cidade de Feira de Santana, logo após foi feita uma apresentação da Rua Direita que serviu de palco para os aspectos da modernidade. Ainda discutimos como a alameda deixou de ser predominantemente residencial para abrigar cada vez mais o comércio e os serviços da urbe feirense.

O segundo capítulo *A Rua Conselheiro entre imagens e recordações* tem por finalidade mostrar através de leituras das imagens, as questões sociais presentes no processo de modernização da rua. E com o suporte das memórias estabelecer discussões sobre a importância da preservação do patrimônio.

Nos dois capítulos são discutidas as mudanças urbanas ocorridas em Feira de Santana, com ênfase na Rua Conselheiro Franco e as questões sociais vinculadas ao processo de modernização da urbe.

² Ver Jornal Folha do Norte Ano 55, nº 2897, dia 14 de novembro de 1964, página 01.

³ Ver O Plano de Desenvolvimento Local e Integrado é a principal fonte de pesquisa para o entendimento do período do governo de João Durval e suas pretensões e ações junto a grupos dominantes na cidade. PDLI. Prefeitura Municipal de Feira de Santana, 1969.

⁴ Foi prefeito no período de 1967-1971.

1. A RUA DA DIREITA E A MODERNIDADE

Neste capítulo será discutido o processo de modernização da cidade, especialmente a partir de 1950 e os impactos ocorridos na Rua Direita, através dos jornais e literatura mostra os conflitos que ocorreram na transição de alameda predominantemente residencial para abrigar cada vez mais o comércio e os serviços da urbe feirense.

Azevedo (2015, p.218) assegura que é a partir dos séculos XVIII e XIX, que as cidades se tornam modelo de modernidade, civilidade, tecnologia e produção para o mundo. Que ser moderno, então significava estar dentro da concepção corrente de acordo com os países, estados e municípios, que configuram como modelos sociais e urbanos.

Em contrapartida Queiroz (2008) faz uma crítica a uniformidade tomada no planejamento das cidades modernas, com a presença de rigor das linhas retas e dos edifícios e os monumentos serem praticamente padronizados.

Para Queiroz (2008) a questão com a modernidade urbana nasce ligada a preocupação com um meio ambiente salubre, por esta razão busca-se uma moradia sadia e com moral era um dos eixos principais da contenda, para a reestruturação da cidade pós era industrial.

Queiroz (2008) assegura que o uso do termo moderno demonstra que a sociedade aceita a ideia da constante evolução em relação ao estado anterior. Portanto essa dualidade é percebida na urbe feirense pelas mudanças que ocorrem principalmente nas funcionalidades das construções arquitetônicas.

Sobre a modernidade feirense Oliveira assinala

A modernidade tem suas ligações intrínsecas com a modernização. O espaço físico da modernização, sua concretude acelera a modernidade, alarga os sentimentos ditos progressistas. O comércio feirense era um dos veículos, senão o principal, da concretude da modernização da urbe, expressava não apenas a sua vinculação com o capitalismo e sua dinâmica bem como o progresso alcançado, constituindo-se em uma das representações da cidade (OLIVEIRA, 2008, p. 61).

E Lima reitera a complexa rede de relações, na modernidade na urbe feirense, a qual foi materializada nas construções e reformas urbanísticas, assim como um código de conduta a implantação. Ele aponta a existência de duas fases modernização:

a primeira nos anos finais do século XIX até a década de 1930 a qual foi marcado pelas primeiras intenções de civilidade e progresso, como também de investimentos em infraestrutura; enquanto a segunda fase aconteceu entre 1930 a 1960 caracterizada por grandes reformas na imagem da cidade, tais como alargamento e higienização das ruas, investimento em iluminação pública e em construção de prédios, e decorrente disso, o aumento nas taxas de urbanização. (LIMA, 2014, p.31).

Chalhoub (1996) aponta que esse ideal de modernidade existe desde fins do século XIX e início do século XX com os modelos urbanísticos do Rio de Janeiro e tem como objetivos a civilidade, o progresso e, sobretudo a retirada da população pobre e desprovida do centro da cidade a tão conhecida limpeza social, fato que já ocorre desde a primeira fase da modernização que usava como base para essa segregação a ideia de higienismo.

Conforme Hobsbawm apud Pinheiro (2011, p. 59) aponta “as cidades transformam sua forma, imagem e estrutura pela pressão das construções e do planejamento e pela busca do lucro, mas, nos dois casos, não aceitam a presença dos pobres, mesmo reconhecendo que eles são um mal necessário”. Esse fato pode ser constatado na cidade através da pauta do Jornal Folha do Norte⁵ que denunciava o uso de carroças fato que tanto incomodava a elite moradora da cidade.

Souza (2008, p.29) afirma que o período de 1930-1950 foi marcado decisivamente pela indissociabilidade entre promover o desenvolvimento, reafirmar o progresso, consolidar a identidade comercial da cidade. Ainda sobre a modernidade feirense Santos apud Oliveira (2008, p.71) explica que a referida cidade exercia uma posição de destaque diante de uma parte do Sertão e também dos demais núcleos urbanos do Recôncavo, sendo depois de Salvador o município mais importante da rede urbana, e essa força foi adquirida com as novas atividades somadas ao antigo comércio de gado.

Portanto, foi a partir de 1950 que a urbe baiana passou por modificações em sua paisagem, essa década foi considerada especialmente importante, pois há integração a uma rede urbana de maior alcance com a instalação das rodovias. Para isso Freitas assegura (1998, p. 89) a cidade não foi escolhida de forma aleatória, visto que reunia um conjunto de fatores como o entroncamento rodoviário, a existência de pequenas indústrias, isenção de impostos de renda, excedente de mão

⁵ Denúncia de uso de animais no transporte de água. Jornal Folha do Norte Ano XLI, nº2168, dia 14 de abril de 1951, página 02.

de obra, apoio da Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste (Sudene) e do governo estadual e municipal.

No que tange a modernização Oliveira explana:

Na Feira de Santana da segunda metade do século XX, a reordenação dos espaços não implicou a abertura de avenidas, bulevares ou a política de “por abaixo e construir de novo”, peculiar ao estilo haussmanniano⁶. O reordenamento, desta feita, implicou higienizar, sanear os espaços, redefinir funções e disciplinar os comportamentos dos cidadãos. Buscou-se modificar hábitos julgados impróprios ou não condizentes com os discursos da civilização como corolário do progresso e como expressão da identidade de cidade comercial que almejava consolidar (OLIVEIRA, 2008, p. 104).

Entre os exemplos da modernidade na cidade podemos citar o serviço de água encanada que após ser muito aguardado pela população da cidade, conforme nota do Jornal Folha do Norte de 1952

“... Com a finalidade de agradecer ao Presidente da República e ao Ministro da Educação e Saúde a doação de dez milhões de cruzeiros para o serviço de águas e esgotos desta cidade, e inteirar-se dos desmanches para a solução deste magno problema da Feira, estiveram na Capital da Republica, donde regressaram do dia 6 do mês em curso (...) O ministro Simões Filho dispensou aos nossos representantes amável acolhida e deixou evidente a sua disposição de bem servir a Feira, tendo recebido dos mesmos importante e substancioso memorial, que solicita o amparo do governo federal ...” (Jornal Folha do Norte Ano XLII, nº 2231, dia 13 de abril de 1952, p.03)

Essa inauguração da água encanada foi realizada no ano de 1957, fato ocorrido durante visita do Presidente Juscelino Kubitschek a Feira de Santana na gestão de João Marinho Falcão. Nessa busca pela modernidade Oliveira alega:

Que a sensibilidade tende a atribuir importância emocional ao passado e configurar um discurso a respeito do mesmo, pois a imagem da cidade moderna foi objetivo do desenho urbano de Feira de Santana, causando um choque entre o progresso e a tradição, tendo em vista que para ser reconhecida como moderna, houve necessidade de destruir antigas referências e reordenar o espaço urbano a partir de critérios técnicos, estéticos e higiênicos, enfim construir outra visibilidade sobre a qual incidiu a sociedade e suas transformações, violência etc. (OLIVEIRA, 2013, p. 80)

⁶Hausmanniano (Pinheiro (2011 p. 26) ou “hausmannização” os termos são neologismos que adotaremos, neste estudo, por introduzir uma ideiacujo conteúdo é de fundamental importância para seu desenvolvimento. Também adotaremos suas derivações: o adjetivo “hausmanniano” e o verbo “hausmannizar”. (...)“Um prefeito é algo mais do que um tapa-buracos, ou um rasgador de avenidas. É também um engenheiro social, embora nem sempre se dê conta disso. Tome-se o caso de um famoso prefeito – o Hausmann, que governou Paris na segunda metade do século passado. Hausmann rasgou avenidas – os chamados grandes bulevares – e abriu perspectivas.

Esse conflito entre o progresso e a tradição pode ser visto através dos literatos, que exercem o papel de saudosistas e contrários as mudanças que aconteciam na urbe do interior baiano. Entre eles o poeta Boaventura (2006, p 54) dizia: “na Rua Conselheiro Franco, a rua-movimento, alguns vultos, porque os bares estão abertos. Automóveis reconcentrados na Praça do Comércio olham a gente com uns olhos tão compridos, para ver se arranjam corridas”.

1.1. A Rua Direita

Almeida (2002, p. 283) afirma que a primeira rua da cidade foi a Rua Direita, assim chamada por estar à direita da Igreja Matriz. E Santos (2008, p. 28) salienta (...) era uma via importante para as diversas festividades da cidade.

A troca da nomenclatura da Alameda de Rua Direita segundo Almeida (2002, p. 286) foi motivada por um gesto de gratidão do povo feirense ao advogado e Juiz de Direito da Comarca de Feira Luiz Antonio Pereira Franco, por ter defendido e conseguido reaver as terras da Fazenda Olhos D' água, em poder do Império desde 1847, quando o casal faleceu sem herdeiros, Domingos Barbosa e Anna Brandão. Foram 33 anos de lutas e reivindicações até que em 1880, graças às gestões realizadas junto ao Governo Federal pelo Barão de Cotegipe – João Mauricio Wanderley, Ministro baiano marcante influência política na área federal, passando a chamar-se Rua Conselheiro Franco. Segundo Rio

Os dicionários dizem: "Rua, do latim ruga, sulco. Espaço entre as casas e as povoações por onde se anda e passeia". (...) A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (RIO, 2008, p. 15)

Nesse sentido essa rua se apresentava como os elementos da modernidade por estabelecer o ali o comércio, e os principais elementos da cultura da cidade. Nesse sentido Queiroz (2013, p. 28) informa que a alameda era palco da antiga feira livre de Feira de Santana, acontecia na praça e nas ruas que ficavam em frente à Igreja de Sant' Anna (Igreja Matriz), e, como todo comércio de rua, apropriava-se do espaço urbano e público da cidade, transformando-o.

A Rua Conselheiro Franco começa ao fim da Praça da Matriz⁷ que atualmente leva o nome de Praça Monsenhor Renato Galvão, nas imediações da Escola Normal e termina na Praça dos Remédios, próximo a Rua 18 de Setembro.

1.2. Um passeio pela rua

É 07 de abril de 1952⁸ na Rua Conselheiro Franco, um local cuja funcionalidade é oferecer seus serviços aos habitantes ou não de Feira de Santana podendo esses seguir rumo à referida rua a fim de usufruírem dos serviços nela oferecidos.

A Igreja de Matriz de Senhora Santana⁹ por escritura foi lavrada em 28 de setembro de 1732 no Cartório da então Vila de N. Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, o tenente Domingos Barbosa de Araújo e sua esposa Ana Brandão doaram cem braças em quadro no terreno do Auto da Boa Vista para se erguer e erigir uma Capela a Santa Ana os Barbosa de Araújo e Ana Brandoa em homenagem a N. Senhora Santana e a São Domingos. Em 1933 segundo a tradição local, a “igreja velha” existiu ao lado da atual igreja, cujas referências sobre sua construção em atas da Câmara indicam que neste ano as paredes estavam “na altura de receber madeira”. Em 1836 a Câmara Municipal promove a ampliação da capela com vistas a conquistar a sede paroquial, o que ocorreu pela Lei Provincial nº 234 de 18 de março de 1846, referenciado pelo Arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas. Em 1882 segundo Ata da Câmara, foi cedido terreno para a construção da sacristia. Em 19 de março de 1946 é elevada à condição de Matriz.

⁷Segundo o Livro 379 - Nomenclatura das Ruas de Feira de Santana sem página.

⁸Data com base em notícia do Jornal Folha do Norte Ano XLI, nº 2178, dia 07 de abril de 1951 p. 02.

⁹Apresenta três naves separadas por arcos ogivais que também separam a capela-mor das antigas sacristias. A sacristia atual esta situada transversalmente. Possui coro elevado e duas torres sineiras. Recobre o edifício, telhados em duas e meias águas, arrematados por platibandas vazadas que eliminaram os antigos beirais. O pano central da fachada possui três portas no térreo, com vãos em arco pleno e três janelas rasgadas ao nível do coro, com vãos em arcos ogivais. Coroa o conjunto um frontão recortado encimado por um cruzeiro. Os panos laterais, com vãos a partir do coro, correspondem às torres sineiras, que terminam em forma de mintra. O interior apresenta piso em mármore e marmorite nas naves e em cerâmica nas antigas sacristias e capela-mor. Nave central e capela-mor possuem forro abobadado e plano nas naves laterais, todos em madeira envernizados. O altar-mor é em alvenaria e entre as imagens se destacam Senhora Santana e São Joaquim, além do Senhor Morto, Nossa Senhora das Dores (em Roca) e Nosso Senhor dos Passos, Segundo (Bahia, 2002 p. 76 e 78)

A direita da Igreja está o Coreto da Praça da Matriz¹⁰ foi construído em 1916, comissão da Igreja de Senhora Santana tendo sido inaugurado no dia 24 de dezembro de 1969; a sua frente está à praça considerada uma das mais belas e tradicionais da cidade segundo (Bahia, 2002, p. 80), tem muito da história de Feira de Santana, começou a ser chamada Largo de Santa Ana e muito tempo depois, com a urbanização o nome foi mudado para Praça de Santana, após elevação da paróquia para Diocese passou a ser denominada Praça da Catedral, foi palco de grandes acontecimentos políticos, sociais e religiosos da cidade. Conforme Decreto lei nº 1792 de 27 de abril de 1995, mais uma vez o espaço ganhou nova denominação passando a ser chamada Praça Monsenhor Renato Galvão - que foi o pároco da Igreja por muito tempo - e novas modificações foram introduzidas como a instalação de grades de isolamento e a transformação do local público (Bahia, 2002, p. 79).

Seguindo o lado esquerdo da Praça da Matriz, outras residências, como a do escritor Fernando Ramos que era formado em Direito, foi funcionário do INPS e autor dos romances Os Demônios e Os Enforcados, e da poesia Ascensão do Mal, e seu irmão Antime Ramos; a casa da família Aderbal de Moura¹¹; a Escola Normal cujo prédio foi inaugurado no dia 12 de março de 1916, no início foi o Grupo Escolar J. J. Seabra, esse prédio possui dois pavilhões em anexo que foram inaugurados em agosto de 1918 (de edifício arquitetônico, histórico e cultural construído sobre o porão alto e desenvolvido em um único pavimento. O bloco principal tem o corpo central recuado precedido de escadaria que dá acesso ao saguão, com pé duplo. A planta apresentando três blocos independentes, os laterais recuados formam dois pátios. O bloco principal tem o corpo central recuado precedido de escadaria que dá acesso ao saguão. As fachadas possuem rica modernidade trabalhada em massa nas pilastras, cunhais¹², cornija¹³, molduras das janelas e platibanda); casa do Sr.

¹⁰ Tem forma octogonal com construção elevada do chão e acesso é feito por escada em forma de trompa. É recoberto por cúpula metálica, com pequeno beiral, apoiada em oito deligados e encimados por lanternim. A estrutura da cobertura tem a forma de “teia de aranha” e entre os pilares existe um gradil superior em serralheria, bastante trabalhado. Do mesmo material é o gradil que guarnece o coreto e a escada de acesso. O coreto possui piso cimentado e nas laterais apresenta “lenços” com decoração em argamassa Segundo (Bahia, 2002, p. 79)

¹¹ Segundo (Almeida, 2002, p. 59)

¹² Plural de cunhal, o mesmo que esquina; ângulo formado por duas construções.

¹³ É um elemento arquitetônico que consiste em uma faixa horizontal que se destaca da parede ou conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior para obras de arquitetura.

Almiro Vasconcelos a esposa e filhos Naron, Terezinha, Almiro Filho e irmãos; a casa de Dona Berenice Freitas e família; residência da família Catapano¹⁴.

A esquina com a Rua 24 de Maio, a parte da frente do Cine Teatro Santana¹⁵, Cine-Teatro Santana também grafado Cine-Theatro Sant'Anna ou como era conhecido popularmente Cine Santana foi inaugurado no dia 21 de junho de 1919, foi construído num terreno pertencente à Santa Casa de Misericórdia, que arrendava o prédio para quem quisesse explorar as funções comerciais do estabelecimento e além de exhibir filmes, servia de palco para centenas de peças teatrais, recitais e outras atividades culturais, em 1937 recebeu instalação sonora; vizinho havia algumas residências terminando o quarteirão e a Rua Sete de Setembro.

Atravessando a rua havia Pensão Universal; Imperatriz Modas; sapataria A Esquisita; a residência de Álvaro Rubim (onde residia sua filha Alvalinda Rubens Soares a Vavá); casa da Sra. Leonida Ramos; a agência do Banco Mercantil; a Loja Marinho Santos & Cia¹⁶ de João Marinho Falcão foi fundada em 1927, funcionava num prédio de quinze portas de frente e andares superiores em duas delas, compreendia quatro seções: secos e molhados, ferragens, tecidos e miudezas, e materiais agrícola e de construção. Comercializava os produtos de maior demanda do emergente mercado, o charque do Rio Grande do Sul, bacalhau e vinhos portugueses, açúcar, sal, querosene, fósforos, cachaça em barris, enxadas, arame farpado, ferramentas diversas, tecidos, cal, cimento, tintas, entre muitos outros, às segundas-feiras, o fluxo de clientes era enorme. O faturamento, também, a firma tinha influência regional e era uma das mais bem-conceituadas do interior e de toda a Bahia.

Ao lado estava Bar e Restaurante Rancho Alegre; o Restaurante e Sorveteria Sueto¹⁷ era o sítio de atrações domingueiras, onde muita gente corria para assistir aos campeonatos cariocas, jogar sinuca e outras diversões. Havia grande aglomeração de gente, pois era o único lugar onde se ouvia o rádio, publicamente. Era um restaurante e sorveteria (todos os homens iam bem vestidos com terno de linho e chapéu panamá), ele pertencia a Benigno Boaventura, que foi irmão de Agnaldo que foi prefeito da Feira.

¹⁴ Ver (Freitas, 2013, p. 151)

¹⁵ Seu prédio foi demolido ficando apenas a parte da frente. Segundo (Almeida, 2002, p. 182)

¹⁶ Ver (Falcão, 2008, p. 84)

¹⁷ Ver (Almeida, 2002, p. 286).

Ao lado estava a Loja Pires¹⁸ de propriedade de João Augusto Pires que foi presidente da Sociedade Filarmônica Euterpe Feirense, ficava em frente à Praça da Bandeira foi à primeira loja de departamento e a pioneira em funcionários uniformizados (vendia tecidos, brinquedos e foi referência em vendas de eletrodomésticos e móveis). No térreo funcionava do Edifício Pires¹⁹ possuía várias salas comerciais como, por exemplo, a Escola Domestica da Sociedade Educadora Assistencial e Rural de Feira de Santana a qual funcionava no Edifício Pires, Voz do Norte (com seu departamento publicitário), que transmitia notícias e informações aos feirenses através dos alto falantes espalhados pelas praças e ruas da cidade, funcionava no, sua marquise servia de palco para apresentações musicais como a primeira apresentação do cantor Luiz Gonzaga na cidade; Loja Visão Moda Masculina (de Antonio conhecido como Tonheiro e José Olimpio Mascarenhas).

No outro lado a loja Sadel²⁰, no segundo andar funcionou o Hotel Umuarana; a joalheria de Álvaro Rubim; loja de auto peças; casa da família Macedo (com as nove irmãs solteiras que não saíam de casa eram vistas em dias festivos nas janelas, sua afilhada Bernadete fazia todo o serviço externo; Loja de Newton Oliveira & Irmão Ltda; Casa Império; Joalheria La Princesa; Lavanderia Cisne; Lanchonete Ton Ton Macoute (que depois se transformou em Café Majestic); casa da família do poeta Francisco Sales Barbosa e sua neta Lucia Lyrio; a casa das beatas Dona Florzinha e Dona Emilia; Banco do Brasil²¹; consultório de Dr. Dermerval Bastos; um prédio de dois andares onde funcionou o consultório de Dr. Herval de Oliveira; Banco Econômico da Bahia.

Na outra esquina o Edifício Euterpe com seus imponentes andares, no primeiro andar o imponente salão de festa e 3ª sede da Sociedade Filarmônica Euterpe Feirense²² e no segundo andar um hotel de mesmo nome do prédio²³ considerado de luxo. Ao sair do elevador era possível ver um luminoso de neon verde e azul que indicava o nome do hotel, que era dotado de uma pequena

¹⁸ Ver (Freitas, 2013, p 95)

¹⁹ Segundo (Almeida, 2002, p. 117)

²⁰ Loja Sadel tinha uma vendedora e vitrinista famosa chamada Lidia Azevedo, no segundo andar funcionou o Hotel Umuarana (Freitas, 2013, p. 150)

²¹ Está localizado onde eram as residências de Chico do Morro e Hermógenes Santana foi implantada a matriz em 1919 (Almeida, 2002, p. 155)

²² Sociedade Filarmônica da Euterpe (fundada pelo Sr. Leolino Ramos Junior em 17 de dezembro de 1921). 3ª Sede própria construída em terreno doado por Hermínio Francisco dos Santos que era sócio de João Marinho Falcão na Loja Marinho & Santos (Freitas, 2013, p. 147).

²³ Hotel Euterpe de propriedade do Sr. Altamirando de Almeida (Freitas, 2013, p. 147).

recepção, seguido de um amplo salão de refeições, divisando-se o largo corredor dos quartos, todos com vista para as ruas e no último andar;

Ao lado do edifício a casa de D. Romana (mãe de Jaime); casa do investigador Otavio (sua esposa Dó, com seus filhos Mary Barbosa, Juracy e Ciara); a casa que morou os irmãos Carlos, Maria Luiza, Jane, Sinval, Florentino, Silvio, Eduardo Mendes e seus pais; casa do Sr. João Ferreira (a sua esposa Emilia Falcão Ferreira conhecida como tia Milu com fachada de pedras pretas, diferenciando-se então das demais); a casa do investigador Hildérico e família; casa de Dona Marocas e filhos; residência da família Brandão (residência e consultório do Ginecologista) Dr. Waldemar Ferreira Freitas (onde a mãe do memorialista Freitas D. Geracina faleceu); casa do Sr. Bernardino (sua esposa Luiza Cerqueira, pai de Everton, Dinda, Delvair, Virgilio, Antonio e Bernadino Filho); bomboniere (de propriedade do marido de D. Neuza);

Vizinho a casa de D. Pombinha Gouveia²⁴, casarão e hotel do Sr. Jonas; residência da Sra. Arminda; Salão Irmoré (das sócias Maria Sonia Araujo Freitas e Mirinha) que vivia o entra e sai aos sábados, era algo que chamava atenção por parte das senhoras que iam fazer o cabelo; Confeitaria Aurora (do poeta e apóstolo Pedro Apóstolo); residência da Sra. Judite; residência da família Mascarenhas (uma das filhas Evanise Cunha); Banco do Fomento do Estado da Bahia; e a Praça Nossa Senhora dos Remédios e do outro lado a Capela de Nossa Senhora dos Remédios²⁵. A capela conserva imagem de N. Senhora dos Remédios, Santo Antonio e São Benedito.

Seguindo o lado direito da Praça da Matriz outras residências; casa de Sr. Cecílio (e família); casa do Sr. Hélio; consultório do dentista Adroaldo Dórea; a costureira Amélia, o Beco do Mocó.

²⁴dos suspiros que ensinava catecismo (Freitas, 2013, p. 150).

²⁵composta por nave, coro, capela-mor, torre sineira, corredor lateral e sacristia, nave e capela-mor são recobertas por telhados de duas águas, na fachada o corpo principal e a torre sineira com tratamento diferenciado levam a crer que foram construídos em épocas diferentes, o corpo principal é vazado por vãos com vergas distintas, apresentando três portas encimadas por igual por igual número de janelas rasgadas, guarnecidas por sacadas em alvenaria, coroa o conjunto um frontão com volutas, revestido de azulejos e com óculo no centro, a torre sineira, robusta e de grande proporções possui terminação piramidal, com embrechados de louça provenientes de Macau, o interior com paredes revestidas em escaiola, possui forro plano em madeira e piso em ladrilho hidráulico, arcadas ligam o corredor lateral à nave e capela-mor, com dorsel, sofreu intervenções, assim como o altar-mor, hoje em alvenaria

Padaria ou Panificadora Moderna (do Senhor José Alves Cajaíba); começando o quarteirão a casa de Dr. Samuel Pitombo (sua esposa Eulina, filhos Simone, Socorro, Terezinha, Samuelina, Alberaz e Roberto Pitombo); consultório de dentista Dival Pitombo²⁶ odontólogo, professor, escritor e intelectual – apesar de formado em Odontologia exerceu a função de professor dos Colégios Santanópolis e Instituto de Educação Gastão Guimarães; a central telefônica e de eletricidade²⁷; a residência da professora Miriam Abdon; no térreo da Sociedade Filarmônica Vitória funcionava a Barbearia de seu Tuíta que também era seresteiro, era sobrinho da modista Justina Ferreira de Almeida;

Ao lado a Sociedade Filarmônica Vitória também foi fundada pelo Padre Ovídio Alves de São Boaventura em 20 de julho de 1873, cuja planta original é retangular, recoberta por telhado de duas águas²⁸. Um saguão central leva a uma escada que dá acesso ao segundo pavimento que se construiu um grande salão. O prédio teve sua área construída dobrada com uma ampliação feita nos fundos, sendo provável dessa época a substituição da cobertura por telha em cimento amianto. A atual fachada principal é dividida em por cornijas²⁹ e coroada por platibanda com pináculos³⁰, estatuetas e uma águia no centro. Possui cinco portas no térreo, suportadas por igual número de janelas rasgadas³¹, com sacadas em elementos torneados. Ornamentos em estuque e delicadas colunas completam a eclética decoração. Estrutura autônoma com pilares em alvenaria mista. Este local foi palco de grandes festas da elite de Feira de Santana;

A Sociedade Montepio dos Artistas Feirenses³² (o título nos leva a pensar que esta entidade foi criada para abrigar músicos ou os representantes das demais Belas Artes. Ledo engano. Nele estavam representados sapateiros, alfaiates, ferreiros, pedreiros e similares. Foi o 1º órgão de Previdência Social em Feira. A principal preocupação de seu fundados Pe. Ovídio de São Boaventura, era garantir o mínimo de segurança futura aos operários, já citados juntamente com suas famílias) que foi fundado em 08 de setembro de 1876, com uma estrutura parecida com a da

²⁶ (Freitas, 2013, p. 89).

²⁷Telefonia urbana foi inaugurada em 1931. (Almeida, 2002, p. 296)

²⁸O telhado é composto por telhas inclinadas de forma a conduzir a água da chuva para as calhas e está localizada no encontro entre duas águas;

²⁹Termo próprio da linguagem dos arquitetos. São as técnicas usadas para deixar lisos pontos que apresentam ondulações, imperfeições salientes;

³⁰Diz-se do ponto mais alto de um lugar;

³¹Janelas até ao chão com peitoril saliente.

³² Ver (Almeida, 2002, p. 249)

filarmônica 25 de março. Fundado pelo padre Ovídio Alves de São Boaventura, foi uma “instituição previdenciária pioneira no país”, uma vez que surgiu muito antes do governo tomar uma iniciativa de instituir um organismo oficial da previdência. O estatuto da entidade mostra claramente a sua importância que se voltava ao amparo da doença, funerais, enxovais de moças pobres, auxílios para operários desempregados e até pequenos empréstimos, ações que foram bastante válidas no final do século XIX e século XX), tem uma estrutura parecida com a da Filarmônica Vitória, além de sua função social o local abrigava recitais e saraus.

Ao lado a Sociedade Filarmônica 25 de Março³³ que recebeu este nome em alusão a data de sua inauguração com sua fachada principal é dividida verticalmente em três partes por pilastras embutidas, apresenta um vão em cada uma delas, com porta única de acesso situada no eixo da simetria. Sobre este vão sobressai-se no andar superior uma sacada com guarda-corpo em alvenaria³⁴ frisos³⁵ e pequenos frontões³⁶ decoram o conjunto que é coroado por platibanda³⁷ também decorada em estuque³⁸, com o emblema da instituição no centro, a data gravada a data de 1868 possivelmente o ano de sua inauguração, neste local acontecem bailes de carnaval e apresentações musicais vale ressaltar que tais eventos se limitam a elite feirense; o consultório de Dr. Augusto Freitas³⁹ era assistente do Instituto Brasileiro de Investigação da Tuberculose Medicina Interna de adultos; Sapataria (que se transformou na Dislar⁴⁰); Ótica Moderna⁴¹ cujo proprietário era o pernambucano Sr. Eliezer Bezerra da Silva, foi instalada a 1ª Óptica na cidade (primeiro foi onde era a Casa do Fazendeiro) Foi o primeiro e, portanto o decano no ramo, passando cerca de 15 anos sozinho no comércio de Feira; Casa Armando⁴² loja e uma elegante alfaiataria pertencia ao ‘Seo’ Armando Oliveira, ficava na esquina com a Praça da

³³ Segundo (Bahia, 2002, p.61)

³⁴Parte importante de uma proteção de sacada, pois como se refere o nome guarda o corpo.

³⁵ Uma faixa pintada ou esculpida que fica na parede ou teto para decoração.

³⁶ Arremate superior de portas e janelas que normalmente tem forma triangular que decora normalmente o topo da fachada principal de um edifício

³⁷Casas antigas que têm beirais, estes são cortados, construindo sobre as paredes as platibandas para esconder o telhado.

³⁸É uma massa branca ou policroma composta de cal, areia fina, pó de mármore e gesso, usada em variados tipos de ornatos relevados, em muros exteriores, interiores ou tectos.

³⁹Ver (Almeida, 2002, p. 41)

⁴⁰ Inaugurada segundo anuncio do Jornal Folha do Norte Ano 56, nº em 24 de outubro de 1964 p. 03

⁴¹ Funcionou até 1998 em frente ao Jomafa. (Almeida, 2002, p. 255)

⁴²Segundo (Almeida, 2002, p. 137).

Bandeira, era casado com a professora Edelvira de Oliveira “Catuca” irmã do dentista e professor Áureo Filho foi um dos três grandes alfaiates da cidade.

Do outro lado, a Praça da Bandeira, a casa de Louças de Hermógenes Santana⁴³; Ferragens Cerqueira; a Loja dos Irmãos Marcelinho (baterias Heliar e passagens aéreas da Panair do Brasil); casa do Sr. Heraldo e Ancinha Santos Silva; a casa de Sra. Ilza Rezende e suas tias (Nena e Lalu); a residência do Sr. Filinto Marques de Cerqueira que possuía dois andares e escada de jacarandá para levar ao segundo andar e ao lado uma garagem⁴⁴; a Casa Esportiva (de Sr. Gerson Bullos); Bar Carioca do Senhor Aurino Sena Lima (primeiro revendedor dos produtos Brahma).

Ao lado a casa de bilhetes de loteria do senhor lozinho Almeida; o joalheiro Caribé; casa e consultório da família Brandão (residia o pai do memorialista José Francisco Brandão Freitas); Joalheria o Príncipe das Jóias (depois a empresa de ônibus marinetes São Paulo de Dr. João Durval Carneiro que fazia linha Feira X Salvador); residência de Arnold Silva⁴⁵ elegeu-se prefeito da cidade em 1959 e a Biblioteca Municipal tem o seu nome (mais tarde nesta casa moraram seu genro Waldy Pitombo e Maria Luiza) onde funcionou consultório do Dr. Waldy, Arnold mantinha uma coluna, no seu jornal Folha do Norte, denominada Vida Feirense, e juntamente com os irmãos: Dálvaro e Raul Ferreira Silva, do jornal supracitado; loja de tecidos São Lourenço (pertencente aos irmãos Cecílio e Lourenço); o prédio (de dois andares com depósito de açúcar no primeiro andar, no térreo a Barbearia Salão Verde (onde trabalhavam Mauricio, Justo e Argemiro);

Atravessando o beco havia o casarão verde da família Cordeiro (Arthur, Libânia e filhos); a residência e consultório de Dra. Helena Carvalho Barbosa (mãe de Humberto Mario); a casa da professora Célida Ramos (onde funcionou a Escola São José na qual dezenas de alunos de famílias tradicionais por ali passaram dentre eles Lucy e Carlo Barboza); a casa de Sra. Edite Cordeiro (filha de Arthur Cordeiro); a residência dos Barreiro Franco; a pensão de Dona Eulina; a residência

⁴³A casa de Louças de Hermógenes Santana funcionou onde hoje é a Casa de Lâmpadas. (Almeida, 2002, p. 70). A casa das lâmpadas do Sr. Lício Silva e sua esposa Mariinha (D. Maria Angélica de Cerqueira Silva) filha do Sr. Filinto e Lidia Cerqueira), a casa foi inaugurada em 1963. (Almeida, 2002, p. 97).

⁴⁴ Considerada pelo memorialista Freitas a casa mais bonita da rua (Freitas, 2013, p. 149)

⁴⁵ Ver (Almeida, 2002, p. 40)

de Dona Edna e família; a casa da modista e cantora Catarina Carneiro (e sua irmã Francisca); a casa da zeladora da Igreja dos Remédios (Dona Virgília e irmã);

Ao lado a casa da costureira Cleonice (mãe de Juquinha, Benedito e Sequinha); a casa dos Almeida (Antonio, Alice e seus filhos Ailton, Antonio Hermes, Francisco, Leda, Ana Lucia e Ver Alice); a pensão de Dona Elvira; a oficina do alfaiate Manoel; a residência da família Caribé (Maria José e Chico); o consultório de Dr. João Durval Carneiro⁴⁶ exerceu a função de odontólogo por pouco tempo, depois fundou a empresa de ônibus Empresa São Paulo, ingressou na política sendo vereador, por três mandatos, e prefeito por dois mandatos em 1966 e 1994, quando tornou governador do Estado; o Armazém Dória; e ao caminhar mais um pouco a Igreja dos Remédios.

Esta descrição foi realizada através de informações trazidas pelo memorialista Freitas e do jornal Folha do Norte. Como se pode perceber a disposição das casas, casas comerciais, consultórios e as entidades culturais não obedecem nenhum tipo de organização, pois as residências e elementos culturais estavam dispostos próximos e muitas vezes vizinhos. A rua foi modificada sem nenhum tipo de planejamento urbano, as residências foram sendo apenas substituídas por casas comerciais e prestadores de serviços, formando uma vizinhança mista. Essa longa descrição foi uma tentativa de mostrar ao leitor como a alameda estava organizada em partes, pois houve mudanças no período de 1951 a 1962, portanto a rua se transformou durante o período da pesquisa.

No periódico Folha do Norte há uma reclamação acerca dos infortúnios causados a noite por um estabelecimento intitulado de “Mais respeito ao Sossego Noturno” e cujo conteúdo era

“Temos recebido de pessoas residentes na adjacência do *Bar Carioca* o pedido que seja levado ao conhecimento das autoridades, por nosso intermédio, o vexame por que vem passando, em virtude da falta de respeito ao sossego noturno e ao decoro, por parte de certos frequentadores daquele Bar. Aqui fica registrado o fato e esperamos que seja tomados as providencias cabíveis nesse caso.”
(Jornal Folha do Norte Ano XLV, nº 2419, dia 19 de novembro de 1955 p .01)

⁴⁶ Ver (Freitas, 2013, p. 92)

Portanto no trecho acima se percebe que nem sempre esse convívio entre residências e empreendimentos era amigável já que esta rua que abrigava tanto residências como estabelecimentos comerciais.

A descrição foi feita com o objetivo de mostrar como era a rotina do referido espaço que além de espaço residencial, abrange também aspectos comerciais, culturais da cidade. Através desse passeio feito acima com base em memorialistas, literatura local, entrevistas e jornais buscam-se mostrar como era a referida alameda no período de 1950 a 1960.

1.3. A Rua Conselheiro Franco como símbolo de uma elite

A Rua Conselheiro Franco foi pensada para ser uma rua comercial e residencial da elite feirense. As Filarmônicas eram apadrinhadas por políticos e homens de projeção⁴⁷ palco dos famosos bailes micaretescos.

Sendo esta diferente de outros logradouros, pois não era apenas residencial, como também oferecia inúmeros serviços, além de ser palco das grandes manifestações populares da cidade, a Festa da Padroeira, Bando Anunciador e a micareta.

Através dos textos literários se consegue mostrar como os poetas e literatos lidavam com as mudanças do espaço relacionado. Percebe-se a literatura como uma fonte complementar, por trazer uma nova perspectiva sobre o interesse da elite feirense.

Segundo Nicolau Sevcenko (1999) os escritos literários tem o poder ser considerados padrões das variações que se inspiram na sociedade, sendo usado como fonte histórica, pois os escritores usavam seus textos criativos para criticar, agradar, delatar ou entrelaçar o público. Nesse sentido O poeta Boaventura descreve a alameda como:

A outra rua, mais distante, toda vestida de crepúsculo, parece que tem saudade de qualquer coisa. É a Rua Direita (ironicamente a mais ziguezagueante de todas). Não é a Avenida das Aleluias. Nome lindo: Rua das Aleluias! (Boaventura, 2006, p 48)

A poetisa Vasconcelos apresenta a rua de forma saudosista

⁴⁷ (Bahia, 2002, p. 68)

Apresento-lhes um tempo que passou: um desfile pela rua principal, a qual foi por alguns anos palco de folia: Rua Conselheiro Franco, a antiga Rua Direita, das caretas, dos carros alegóricos, das carroças enfeitadas e de uma multidão à espia. É! O tempo urge! E a grande Rua Conselheiro Franco foi perdendo a “fantasia”, contudo, continua imponente (VASCONCELOS, 2013, p. 121).

Nessa citação acima, percebe-se o tom de saudosismo dos autores ao falar da avenida, Portanto ao fazer o uso da literatura Pesavento (2008, p.16) preocupe-se com o que poderia ter sido a ordem das coisas e assinala a possibilidade de um vir a ser. Santos através das crônicas presentes no periódico feirense aponta:

A compreensão de Feira de Santana também como “cidade progressista” foi ideia usada por políticos em campanhas eleitorais e por comerciantes e empresários locais, como forma de propaganda que atendia aos seus objetivos capitalistas de atrair investidores e consumidores para os seus negócios. Foi ideia usada ainda por intelectuais e escritores feirenses para demarcar o território de suas existências. A imagem de “cidade progressista” se complementava à de “Princesa” ou “Capital do Sertão”, repercutida desde a primeira metade do século XX, de uma cidade que se diferenciava simbolicamente das demais do interior baiano, em consequência do seu desenvolvimento acelerado. (SANTOS, 2008, p. 109)

A rua serviu tanto de símbolo do comércio, atendendo a interesses capitalistas, como foi cenário e imagem de intelectuais e escritores, que escreviam sobre uma Feira encantada e desenvolvida, por isso Princesa do Sertão.

1.4. Como a modernidade impacta na rua

Rio (2008, p. 26) afirma que nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas.

A Rua Conselheiro Franco é uma das mais antigas de Feira de Santana, conhecida anteriormente como Rua Direita, por estar do lado direito da Igreja Matriz era considerada uma das grandes e importantes ruas da cidade, juntamente com a Rua do Meio e Avenida Senhor dos Passos, tem sua história atrelada a expansão comercial da cidade, sendo o principal centro de formação comercial.

Simões (2007, p.53) aponta que as duas grandes inovações vieram ainda na década de 1920, sendo que o progresso da sociedade feirense era saudado pelos jornais quando anunciavam a instalação do sistema de eletrificação da cidade e a implantação da Escola Normal.

Para isso Santos (2008, p. 11) informa que inicialmente em 1919, por ser o ano da fusão do Cinema Vitória com o Teatro Santana. Estes três elementos figuraram na época como sinais inequívocos da inserção da Princesa do Sertão no rol das cidades modernas e progressistas da Bahia e os dois últimos estavam localizados na referida alameda.

Assim como expõe Pesavento (1996, p. 41) as ruas precisavam de esgotos, luz, água, calçamento, passeios públicos, jardins, policiamento. Ruas modernas, enfim. A referida rua em estudo já dispunha de calçamento⁴⁸ desde 1915 e o advento da luz elétrica⁴⁹ em 1935.

Reforçando as palavras de Pesavento, vale destacar que a Rua Direita esteve presente no processo de modernização da cidade desde o período classificado por Lima (2014, p. 31) como a primeira fase da modernização feirense com a instalação da Escola Normal citada anteriormente o qual estava acomodado no referido logradouro, assim como os bancos a exemplo da primeira Agência do Banco do Brasil inaugurado em 01 de março de 1919, as filarmônicas da Vitória e 25 de Março.

Oliveira (2011, p. 34) informa que em 1928 havia a proibição do uso de carroças sem molas e carros de boi pelas ruas do centro, o que incluiu a Rua Direita, sendo que esta rua abrigava a loja Marinho & Santos e a Loja Pires que eram espécie de loja de departamentos e abasteciam pequenos empreendimentos. Esse impedimento pelo menos formalmente inviabilizava um grupo razoável de trabalhadores de exercer atividades na zona central da urbe, desorganizando um setor da economia local.

Nesse sentido Pinheiro (2011, p.66) explana que existia a vontade da burguesia de apropriar-se do centro e a consequente expulsão dos pobres, e a busca da monumentalidade, ou seja, do modelo modernizante presente principalmente nas cidades capitais.

Então se percebe que pensar a modernidade é pensar também o processo de transição entre o antigo modelo de sociedade outrora existentes para dar espaço a um novo modelo, que surge, criando em torno toda uma simbologia que vai de

⁴⁸Obra realizada pelo intendente Cel. Agostinho Fróes da Mota. (Almeida, 2002, p. 161)

⁴⁹ O advento da luz aconteceu em 1926, só em 1935 recebeu a energia produzida na Hidrelétrica de Bananeiras. (Almeida, 2002, p 285).

encontro ao referencial existente, negando-o e invalidando-o. Para reforçar essa separação Lima afirma:

Se os considerados *pobres, desordeiros, vadios* utilizavam as *vendas, bares, cafés e o mercado municipal*, situados no entorno da célebre Rua do Meio, a elite se resguardava “em certas sociedades que se diziam recreativas”. Pela análise e cruzamentos das fontes, esses espaços eram as sedes das filarmônicas feirenses: 25 de Março, Vitória e Euterpe, situadas na Rua da Direita. Afirma que a Rua Conselheiro era vista como a rua da elite. (LIMA, 2014, p. 78)

No convite de Micareta no clube da Euterpe Feirense presente no Jornal Folha do Norte há várias exigências das instituições como o

“traje de preferência fantasia, sendo proibidas as que ofendam a moral, o pudor ou o bom tom social”, “Não será permitida a entrada de sócio conduzindo tubo de lança perfume, segundo proibição da Policia de Costumes”. (Jornal Folha do Norte Ano XLV, nº2388, dia 16 de abril de 1955, p. 02).

Essa nota do periódico da cidade reforça a ideia de Lima citada anteriormente sobre essa separação da elite da população que se resguarda nas sociedades da rua. A rua devia refletir a visão da sociedade nesse sentido Rio assegura

a rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que a preocupação maior, a associada a todas as outras ideias do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação – ideias gerais – até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, ideias particulares. (RIO, 2008, p. 29)

A Conselheiro Franco a partir do final da década de 1950 e 1960 passou por diversas modificações, conforme salienta Pesavento

a rua é o cartão de visitas de uma cidade moderna, embora as ideias - imagens sobre elas e seus personagens - não correspondessem no todo com as condições concretas do social. Cenário da vida urbana, ela teve várias facetas. Teatro da vida, nela se desenrolavam várias peças. Em dia de festa, ela foi palco das mais variadas movimentações, laicas ou religiosas. Povoada de gente, ostentando seus melhores trajes, ou envergando a indumentária apropriada para o evento, a rua foi reduto de lazer, de conagração, de expressão e de emoções. (PESAVENTO, 1996, p. 83)

Então Santos vem mostrar essas alterações ocorridas nas décadas citadas anteriormente

ênfatiza que na década de 1950, alguns edifícios já se destacavam na paisagem feirense, (...) o do Banco do Brasil e o da Escola Normal. No transcurso das décadas de 1950 e 1960, período de tempo enfatizado nessa pesquisa, o seu processo de urbanização se acelera e seu cenário arquitetônico adquire cada vez mais novos traços (...) a da agência do Banco do Nordeste (1958)... (SANTOS, 2008, p. 26 e 27)

Conforme a citação acima pode-se perceber as mudanças na rua estudada buscavam um ideal modernizante e para isso Oliveira salienta que

“o comércio feirense era um dos veículos, senão o principal da concretude da modernização da urbe expressava não apenas a sua vinculação com o capitalismo e sua dinâmica bem como o progresso alcançado, constituindo-se em uma das representações da cidade”. (OLIVEIRA, 2008, p.61)

A modernização feirense podia ser vista na Rua Conselheiro Franco como marco do progresso ao apresentar uma larga e reta. As segundas-feiras ela se transformava num vaivém de pessoas e carros de diversas marcas, e muita gente de fora se mesclava com comerciantes e com os feirantes na compra e venda de produtos. E Pesavento (1996, p. 41) reitera que as ruas precisavam de esgotos, luz, água, calçamento, passeios públicos, jardins, policiamento. Para confirmar essas transformações da alameda havia o anúncio no periódico Folha do Norte sobre os serviços financeiros de Agência do Banco Mineiro de Produção que tinha funcionamento localizado no Edifício Euterpe térreo. (Jornal Folha do Norte Ano XLVIII, nº 2557, dia 14 de junho de 1958, p. 01).

Sobre outras instituições financeiras nessas imediações veja a nota na capa do Jornal informa

“Será inaugurada a 2 de a Agência Local do Importante Estabelecimento de Crédito...”⁵⁰... Segundo nos informou a administração local, deverão estar presentes no ato inaugural, além do Presidente, Dr. Raul Barbosa, algumas das mais altas expressões da Direção Geral, como sejam o Dr. Antonio Brito da Silva, Diretor; Dr. Hélio Moura Lima, Auditor Chefe; Joaquim F. Batista, Assessor Chefe; Walter Martins Ferreira, Gerente de Carteira de Crédito Geral e Jaldir Torres dos Santos Lima, Gerente de Carteira Rural. Sem dúvida alguma a criação, em Feira de Santana de uma Unidade Operadora do Banco do Nordeste constitui um acontecimento de maior relevância e significação para o desenvolvimento econômico deste e dos municípios circunvizinhos, quer pela importância do Banco como incentivador das classes produtoras, quer pelos apreciáveis serviços bancários que por certo, prestara à Região”. (Jornal Folha do Norte Ano XLVIII, nº2555, dia 28 de junho de 1958, p. 03)

Com base no que foi citado anteriormente a Rua Direita se apresentava como os elementos da modernidade por estabelecer o ali o comércio, e os principais elementos financeiros como os bancos acima citados e entidades culturais da cidade. Portanto seguindo as outras cidades se tornava cada vez mais comercial com as mudanças da elite para bairros mais afastados do centro.

⁵⁰ Grifo nosso para diferenciar o título da matéria

Souza reforça esse ideal modernizante da alameda ao apontar

No entanto, para além da área luxuosa da Princesa do Sertão onde se concentravam os cinemas (Cine Santana e Íris), as Igrejas (Matriz e dos Remédios), a Escola Normal, as pensões, os hotéis, os bares luxuosos (a exemplo do Suetto) e os cassinos (a exemplo do Irajá), símbolos do desenvolvimento e cenário apropriado para negócios e prazeres dos visitantes e feirenses endinheirados, a nova cartografia de Feira de Santana apresentava também áreas tidas como perigosas e maléficas. Esse mundo é mais difícil de ser descrito, pois há poucos documentos que os retratam e nos permite aproximações (SOUZA, 2008, p. 155).

Pesavento (1996, p. 40) afirma que a rua, entretanto, reflete a transformação do espaço urbano e a reordenação da vida. O aburguesamento da cidade e a consolidação de uma nova ordem trazia em seu bojo exigências, valores, critérios. Impôs-se uma redefinição do solo urbano e de sua ocupação pelos indivíduos. Lynch apud Oliveira afirma que

a rua no decorrer da sua história, sofre modificações, alterações, diminuições ou são exterminadas. Se sobrevive, segue o seu destino enquanto parte de um todo, que é a cidade razão de sua própria existência, e apresenta o resultado dos interesses em jogo que propõem intervenção ou não (OLIVEIRA, 2013, p. 23).

Conforme aponta Oliveira, a região da Igreja da Matriz foi se transformando de ponto sócio cultural para pontos comerciais, sua importância vai desde a presença da Escola Normal até o Cine Santana e as filarmônicas.

Outro elemento da modernidade é citado na matéria do Jornal Folha do Norte, transcrita do Jornal da Bahia acerca do Clube dos Dirigentes Lojistas com o título de Feira de Santana constitui exemplo:

“Mais um clube de diretores lojistas – o de Feira de Santana”. É um movimento que não canso de dizer – que está modificando a fisionomia do comércio por todo o país. As lojas começam a vestir-se de nova roupagem: melhores fachadas, bonitas vitrinas, iluminação adequada, com mercadorias a mão dos fregueses e a necessária indicação de preços. Há muitos heróis nesta verdadeira revolução branca de efeitos positivos em nossa evolução econômica (...) Mas em verdade eu propus escrever sobre a fundação do Clube de Diretores lojistas de Feira de Santana, Bahia, iniciativa do lojista José da Costa Falcão, que contou com total apoio de Milton Sampaio, Vice-Presidente do Clube de Lojistas do Brasil, par o setor E (Sergipe, Bahia e Espírito Santo). Como acontece em toda solenidade, houve discursos e – muito importante – com oradores, locais como visitantes, usaram (slogans) difundidos através das convenções e de VV, bem como falaram dos propósitos superiores do clube. Importante, também é o contato acidade, que tais oportunidades oferecem... Feira é ponto de encontro das estradas que vem do Rio, de Salvador e de Fortaleza. Feira se moderniza na construção de casas (3 por dia), na pavimentação das ruas, no embelezamento das praças e aberturas de largas avenidas. Embora se fale em dificuldades como acontece no país inteiro, a renda

municipal subiu de 28 milhões para 143 milhões nos últimos 4 anos;...(Jornal Folha do Norte Ano 53, nº 2765, dia 07 de julho de 1962 p. 01)

Conforme nota do jornal essa inauguração vem para reforçar a presença cada vez maior do comércio nesse referido perímetro, e sua importância para o comércio da cidade através dos serviços por ela oferecidos como, por exemplo, o curso de vendas na instituição. (Jornal Folha do Norte Ano 53, nº 1780, dia 13 de agosto de 1962)

Ao analisar os jornais percebe-se que a elite de Feira de Santana buscava o status de cidade moderna e desenvolvida tal qual a capital soteropolitana. Não é à toa que se apropriou do título de Princesa do Sertão⁵¹ recebido de Rui Barbosa. Portanto para mostrar essa modernidade a Rua Conselheiro Franco seria a vitrine disso, por concentrar muitas atividades comerciais, serviços, elementos culturais e residências da elite.

⁵¹ (Morais, 2004, p. 23)

2. A RUA CONSELHEIRO ENTRE IMAGENS E RECORDAÇÕES

Segundo Pesavento (2006, p.10) “a rua é portadora, pois, de uma nova identidade, cartão de visitas de uma cidade, a rua nova foi retratada pelo olhar dos pintores, escritores, jornalistas, poetas e fotógrafos”.

Este capítulo tem o objetivo de usar imagens para analisar as transformações ocorridas no perímetro urbano estudado e com o suporte das memórias estabelecer discussões sobre a importância da preservação do patrimônio.

2.1 Mudanças ocorridas na Rua

Oliveira (2011, p.3) afirma que “restou à memória de Feira de Santana valer-se das fotografias antigas para restaurar fragmentos de sua história pujante que se transformou à medida que a urbe se projetava para o futuro”. Portanto a partir das fotografias pode se constatar as mudanças ocorridas na rua estudada, como às residências vai cada vez mais cedendo lugar para o desenvolvimento.

Oliveira afirma que

A imagem fotográfica nos propicia diversas leituras, remete ao imaginário do outro e provoca nossas sensibilidades, auxilia a memória e alavanca lembranças subjacentes ao momento em que aconteceu o registro fotográfico, podendo servir como uma das formas de conhecimento do mundo. Remete-nos a inúmeras experiências visuais, é capaz de nos silenciar e, ao mesmo tempo, de nos roubar a fala. No senso comum, somos tentados a acreditar que fotografias são representações fidedignas da realidade, não mentem, tornando inquestionável aquilo que elas mostram. (OLIVEIRA, 2011, p.13).

Deste modo, através da leitura das imagens do período e posteriores pode se pensar o que essas mudanças foram significativas para a Rua e conseqüentemente a cidade. Entretanto faz se necessário seguindo os ensinamentos de Santana (2004, p.14) as imagens devem ser analisadas criticamente através da leitura.

No entanto é por meio das imagens que conseguimos visualizar as mudanças arquitetônicas ocorridas nesta alameda, que passou a ser baseada na influencia dos arquitetos modernistas. Molina assevera que:

se a imagem serve como uma testemunha de um acontecimento, experiência ou fato as fotografias são tomadas como pista, indícios ou documentos para se recontar uma história ou como texto e monumento para apresentar um passado ou memória, habilitando-

nos assim, a conhecer aspectos e situações passadas.(MOLINA, 2015, p.02)

Entretanto Molina orienta

ao usar as fotografias é extremamente necessário o uso de falas, de emprender narrativas, de promover intertextualidades, de traçar sentidos para uma fonte frágil como a imagem é reafirmada por Burke (2004), ao enfatizar que as pistas nela encontradas possuem uma linguagem e mensagem próprias, tendo os historiadores o empenho de traçar e cruzar as evidências para utilizá-las de modo seguro (MOLINA, 2015, p. 3).

Um dos exemplos dessa mudança da alameda que apresentava prédios altos como, por exemplo, a sede da Filarmônica Euterpe Feirense sua inauguração ocorreu na manhã de domingo, 13 de abril de 1952, seu edifício tinha o maior número de andares além de ser dotado de elevador, um elemento novo nos prédios da cidade, como verifica se na imagem abaixo de quando ainda estava em construção.

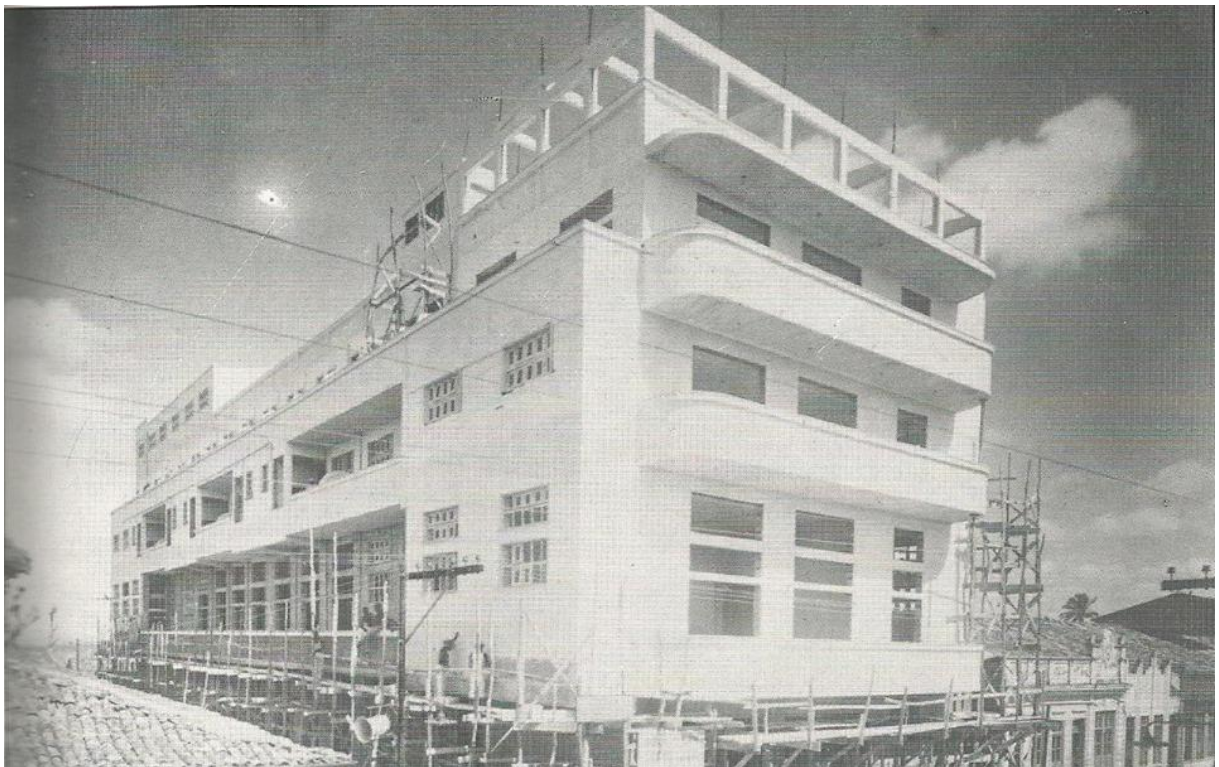


Imagem 01–Livro Memória Fotográfica de Feira de Santana (Arquivo Lourdes Tavares) página 13

Na imagem 01 da Euterpe é possível perceber a grandiosidade do prédio em construção em contraste com as residenciais vizinhas, e se observa de forma quase imperceptível a presença dos construtores civis que simbolizam a pobreza, mas como o edifício ainda estava em construção eles estavam presentes. É possível que

esses trabalhadores não pudessem frequentar esse empreendimento após sua conclusão, porque não pertenciam a elite e provavelmente possuíam as vestimentas exigidas pela entidade conforme nota do jornal:

“Sociedade Filarmônica Euterpe Feirense no sábado dia 17 de setembro de 1955 Festa Dançante dedicada ao Corpo Social, no rink taqueado desta sociedade, festa a ser iniciada as 22 horas, pela Jazz Orquestra (Landinho seus boys), big show de Dóris Monteiro (com suas canções musicais) (...) (...) com uso TRAJE⁵² - de passeio completo, com paletó e gravata”. (jornal Folha do Norte Ano XLV, nº 2409, dia 10 de setembro de 1955, p. 03)

Nessa imagem não há a presença de pessoas da alta sociedade, por conta do mesmo estar inacabado, não se sabe a autoria, nem a da foto para se tentar traçar o perfil do fotógrafo. No entanto especula-se que essa fotografia foi feita, para mostrar as grandes construções, que constituíam como elementos da modernidade.



Imagem 02- Foto de autoria e ano desconhecidos, fonte: Centro de Estudos Feirenses (UEFS).

Na imagem 02 é possível ver o cruzamento da Rua Conselheiro com a Rua 18 de setembro, algumas residências e a na próxima esquina a construção da sede da Filarmônica Euterpe Feirense, mais uma vez percebe-se de forma bem quase

⁵² Grifo do Jornal

sutil as pessoas que transitam pela alameda. Mas as pessoas que transitam pela alameda seguem no sentido para da Matriz, a partir da pose-se tentar mostrar o cotidiano da rua, pois as pessoas seguem em sentido Igreja da Matriz trecho de importância econômica e cultural.

Assim como a imagem 01 não se conhece a autoria ou ano da fotografia, para tentar concluir se era dia de semana, pois não se percebe a presença de carros, que também simbolizam a modernidade. O Sr. Machado afirmou que a Rua era local para locação de carros

“Os carros de aluguel era ali na matriz o ponto de junto da Igreja”.
(...) Os carros de praça ficavam parados ali, porque ali pegava a estação de trem e pegava a Avenida Rio de Janeiro que vinha muita gente de Santo Estevão e tudo isso então os carros de praça ficavam ao lado da Igreja naquele tempo a praça não era cercada. Entendeu aquela parte da igreja não era cercada e então chamava chofer de, táxi não existia era chofer de aluguel. (Franklin de C. Machado, entrevista concedida em 01 de abril de 2016)

Kossoy (2005, p. 42) exige ao propor o uso das imagens sugere um mergulho no conhecimento – da realidade própria do tema registrado na imagem, assim como em relação à realidade que lhe circunscreveu no tempo e no espaço, na tentativa de equacionarmos inúmeros elos perdidos da cadeia de fatos”.

Santana (2013, p. 15) salienta “para entender as mensagens visuais é necessário compreender o contexto cultural e histórico, nos quais as mensagens estão inseridas”.



Imagem 03 - Livro Feira de Santana em Postais, página 87.

Na imagem 03 temos outro ângulo da Rua, com um foco nas residências vizinhas ao Prédio da Euterpe Feirense, mas ainda é possível perceber a sua grandiosidade frente a sua vizinhança. Nessa imagem é possível perceber que o prédio está finalizado, pois o último pavilhão já está pronto, diferente do que se pode observar nas imagens 01 e 02.



Imagem 04 - Livro Memória Fotográfica de Feira de Santana página 16 (Arquivo Helnando Simões).

A imagem 04 retrata respectivamente o Banco do Brasil, o Edifício do Banco Econômico e o prédio da Euterpe Feirense. No entanto nesta fotografia o foco são as unidades bancárias. A sede do Banco Econômico tinha salas alugadas conforme

anúncio do Jornal Folha do Norte que trazia o anúncio dos Irmãos Trindade na Rua Conselheiro Franco, nº 100, no Edifício do Banco Econômico, sala 03 (Jornal Folha do Norte Ano XLV, nº 2417, dia 05 de novembro de 1955).



Imagem 05 - Livro Memória Fotográfica de Feira de Santana página 193 (Arquivo Ivana Pitombo Valadares).

A imagem 05 mostra o interior do Banco Econômico, no seu edifício também ocorriam exposições conforme imagem 05 que retrata Exposição no Hall do Banco Econômico em 1º de junho de 1952. Nessa fotografia percebe-se a presença de Dival Pitombo (primeira pessoa do lado esquerdo).

Nesse sentido, Santos aponta que

as fotografias nos revelam, portanto, o contexto de uma época, a disposição espacial da cidade, a arquitetura, as vestimentas, o tipo de propaganda utilizado, enfim elementos que enriqueceram a nossa compreensão das práticas de lazer e divertimentos aqui citadas. (SANTOS, 2012, p.15)

Sontag (2004, p.29) aponta que “embora um evento tenha passado a significar, exatamente algo digno de ser fotografado, ainda é a ideologia (no sentido mais amplo) que determina o que constituiu um evento”.

Por isso ao analisar essa fonte Molina (2016, p.07) ressalva que “as fotografias necessitam de um tratamento próprio, pois, como matéria do conhecimento histórico, propõem um novo tipo de ver e dar a ver diversos olhares do e sobre o mundo moderno”.

Entretanto ao usar a fotografia é importante levar em consideração como segundo Molina (2015, p. 11) a “sua capacidade de funcionar como “espelho” da realidade. Essa denotação está fortemente enraizada nas crenças da fotografia como verdade e conseqüente reflexo da ação, sujeito ou paisagem registrada”. Kossoy afirma que:

Fotografias fazem parte da proposta ideológica das elites da época, de apresentar uma imagem com atmosfera europeia e moderna da cidade, fixando-a no imaginário coletivo. Portanto ao analisar a imagem acima se percebe que a fotografia priorizou a construção, mostrando sua grandiosidade e praticamente cortou as edificações próximas (KOSSOY, 2011, p. 17)

No entanto, deve-se ressaltar que técnica fotográfica, apesar da aproximação, não constitui a realidade.

2.2. Patrimônio/ Memória

Apesar das mudanças arquitetônicas na Conselheiro Franco, alguns imóveis permaneceram para contar a história dos tempos remotos, como por exemplo a sede da filarmônica 25 de Março, Filarmônica Vitória e o prédio da Escola Normal. Segundo Choay (2001, p. 50) os edifícios podem ser vistos como testemunhas da história. Para tanto Oliveira afirma que

Os imóveis antigos são considerados testemunhas da história, documentos e instrumentos que despertam a memória voluntária e involuntária dos indivíduos. São produtos da cultura material e, portanto, registros visuais de dada época e nesse sentido também denotam quais valores preservam os membros dos grupos sociais, que dispõem de certos mecanismos para concretização e permanência dos monumentos arquitetônicos na paisagem urbana, porque não é “qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que fabricou segundo as relações de força que aí detinha o poder” (OLIVEIRA, 2011, p. 103).

Os mesmos avanços que nos permitem um acesso a novos elementos também implicam perdas de outros elementos que foram significativos. As pessoas ganham mais acessibilidade, mais sociabilidade, mas ao mesmo tempo mudam o sentido patrimonial.

Azevedo (2015, p. 72) informa que a memória de uma sociedade está também registrada no meio espacial, portanto com as modificações desse espaço as memórias desses moradores igualmente sofre mudanças, com o poder de se fragmentar, confundir ou até apagar. Azevedo assegura

na busca pela modernidade algumas cidades escondem ou negam as suas memórias históricas e coletivas, ou na mesma medida, podem forjar estas mesmas memórias estabelecendo símbolos, ícones, mitos, reinventando a história, para construir um (outro) imaginário coletivo de cidades, que se legitime e se coadune com os pressupostos de modernidade e desenvolvimento (AZEVEDO, 2015, p. 219).

Para tanto é necessário que se perceba que as principais memórias das pessoas entrevistadas tinham um foco nas festas e comemorações da urbe. Para Molina,

as memórias, individuais ou coletivas, são formadas a partir das conexões entre acontecimentos, personagens e lugares. Esse processo envolve a busca por reminiscências vividas pela própria pessoa ou emprestadas do grupo ao qual o indivíduo pertence. A definição de um juízo de valor ao conjunto dessas memórias estabelece o quanto ela será representativa para a compreensão do mundo ao seu redor. (MOLINA, 2016, p. 374)

Para Molina (2016, p. 274) a memória é uma forma de orientação, que, por intermédio de um juízo de valor adquirido, seleciona o que deve ser lembrado do que deve ser esquecido, o que foi importante e o que não foi. Já para Souza:

a atitude em preservar a memória urbana por meio das lembranças, permitindo reviver velhas experiências e reconstruir momentos históricos da cidade de Feira de Santana e desse modo dotá-la de uma identidade urbana capaz de torná-la reconhecida aos seus habitantes, remete de um lado à tradição, ou seja, ao passado, do outro registra o tempo presente em sua nova dinâmica. O que singulariza e distingue tais narrativas é a imagem do novo se sobrepondo ao velho, o que torna a paisagem citadina um lugar pouco familiar aos velhos habitantes, principalmente aqueles ligados a “aristocracia dos currais”. (SOUZA, 2008, p. 56)

Segundo Santos (2012, p. 16) a documentação oral é uma fonte produzida em conjunto, o historiador e o seu entrevistado, e o processo de desenvolvimento dessa produção foi desafiador: a construção de um roteiro para entrevista, a busca por depoentes, a realização das entrevistas, as transcrições e, por fim, as análises. Em entrevista com o Sr. Machado descreve a Rua Conselheiro como:

E era uma rua muito importante falei porque é, é a concessionária da Ford de automóveis era aqui na Rua Direita também de frente da Praça da Bandeira era de seu Carlito parece, Gerson Rocha também tinha a concessionária de automóveis, e de junto tinha umas tias minhas aí da revendedora filhas de Péricles Macedo é enfim tinha salões de cabelereiros tinha a Euterpe que foi construída na década de 50 é a terceira filarmônica de Feira e um clube social também. E antes tinha o Clube a Filarmônica Vitória que também era um Clube social e a Filarmônica também 25 de março que também fazia bailes depois é que surgiu o Tênis em 41. (Franklin de C. Machado, entrevista concedida em 01 de abril de 2016)

Como se percebe através do entrevistado, essa rua era palco das grandes festas da cidade. Até a década de 50 as filarmônicas com suas sedes na referida alameda concentravam as festas feirenses como os bailes de micareta e as festas de Réveillon.

Ainda sobre o uso de entrevista ou conversas Miekky (1996, p.80) discorre que cada entrevista ou conversa com os entrevistados possuem características e impressões pessoais que não podem ser generalizadas, afirma que: “deve ficar claro que cada entrevista tem valor em si, ainda se tratando de representatividade”:

“Reunindo, o conjunto das histórias colhidas, além de propor discussão sobre as motivações individuais, serve para que, se equiparadas, elas forneçam elementos capazes de iluminar o conjunto das individualidades que se sustentam sob alguns traços comuns.” (MIEKY, 1996, p. 80)

Para o autor acima citado, equiparar histórias que tenham pontos em comum, a história oral ganha reforço, para melhor reorganizar os espaços políticos e sociais dos grupos, levando em consideração as particularidades de cada sujeito. Nesse sentido, Santos aponta que:

Ao longo desta via se localizavam as sedes das filarmônicas, a Escola Normal, o Grêmio Rio Branco, a Pensão Universal, e o Cine-Teatro Santana. Seguindo a direção sul, chegava-se à Igreja Matriz e à grande praça ajardinada com seu coreto, palco de diversas manifestações; e ao norte, o destino seria a Igreja dos Remédios. Apesar de fazer fronteira, de um ponto ao outro, como grandes marcos religiosos da cidade, tal espaço, em seus passeios e prédios, eram cenários para diversões, bailes diversos, espetáculos teatrais, sessões de filmes, folias de Momo, palestras e saraus, além dos próprios festejos religiosos. Assim, era a Rua Direita que, nas três primeiras décadas do século XX, concentrava as agremiações culturais da urbe feirense. (SANTOS, 2008 p. 49).

Segundo Maia (2003, p. 39) a preservação do patrimônio histórico artístico e cultural é importante uma vez que é o testemunho da herança de gerações passadas, que exerce papel fundamental no presente, com a transmissão para as gerações futuras das referências de um tempo que serão revisitados, e assim visa a criação de uma consciência da “intercomunicabilidade da história”.

Oliveira (2010, p. 131) aponta que o patrimônio se apresenta como a materialização de um discurso sobre o passado. Nesse sentido a luta pela preservação em Feira de Santana se inicia no final da década de 90.

Para tanto a rua em estudo apresenta 05 prédios tombados dos 16 que a cidade tem tombados pelo IPAC, sendo eles a Igreja dos Remédios, Catedral de

Santana, Coreto da Praça da Matriz, prédio da Escola Normal, Filarmônica Vitória, e Filarmônica 25 de Março.

3. CONCLUSÃO

O presente trabalho discutiu as transformações ocorridas no processo de modernidade na Rua Direita, através das matérias do jornal Folha do Norte e a partir de análises fotográficas buscou mostrar as suas modificações. Ressaltou ainda a importância do Patrimônio Histórico Cultural desse município, buscando promover uma ressignificação a cerca da preservação da memória histórica sob uma ótica cultural.

Inicialmente foi feita uma breve abordagem sobre o conceito de modernidade e como ela impactou em Feira de Santana, as duas fases dessa modernização que ocorreram em 1930 e 1950. No decorrer da pesquisa percebe-se que a rua foi palco dessas transformações, por ser uma das principais vias da cidade.

O presente estudo pautou-se numa perspectiva de promover outro olhar sobre a alameda, tentando reconstruir como era no período estudado. É possível identificar por meio de registros contidos nos jornais as mudanças, as expectativas de seu crescimento.

Assim, a Rua Conselheiro Franco, com sua singularidades regras e organização revela-se como um cenário possível de proporcionar aos sujeitos que ali residem ou transitam uma possibilidade de se reinventar a partir das ações cotidianas, interação gerenciamento de conflitos existentes nesses ambiente.

A presente pesquisa configura um estudo da história do patrimônio desenvolvido a partir dos registros presentes nos jornais fonte escrita oficial e legítima, pautada numa rua específica, mas que certamente poderá contribuir para leituras de outras ruas de natureza semelhante.

Foi percebido que a rua se transformou conforme as necessidades da elite dessa cidade, em um primeiro momento era uma rua predominantemente residencial como explica Machado.

Agora o essa Praça da Rua Direita tinha muitas casas pequenas, mas que era até de gente grande quer dizer fazendeiros que moravam na roça e tal às vezes alugavam uma casa dessa aqui perto da Igreja pras festas de fim de ano, casamento, batizado, casamento de filho, batizado essas coisas, aí ou quando vinha aqui em Feira se tratar se cuidar de médicos consultar e tal ai tinham onde ficar entendeu? Tinha esse aspecto também. (Franklin de C. Machado, entrevista concedida em 01 de abril de 2016)

Esse estudo foi realizado no período de 1951 a 1962, pois compreende o período de construção do Edifício da Euterpe Feirense na época o prédio com o

maior número de andares na época e a inauguração da 1ª sede do Clube de Dirigentes Lojistas – CDL, que consolidou a presença cada vez maior do comércio nesse referido perímetro. Nesse período a rua e a cidade passaram por diversas modificações, foi implantada a rede de abastecimento de água encanada, em 1962 o Papa João XXIII eleva a igreja a dignidade de Catedral⁵³.

Esse estudo se baseia na análise acerca do olhar sobre os imóveis que fizeram parte do passado da cidade de Feira de Santana, mostrando como muitos foram destruídos, reformados ou mesmo abandonados, problematizando as motivações dessas transformações estruturais do cenário urbano da “Princesa do Sertão”.

O perímetro urbano analisado demarca sua importância sócio histórica por ser o lugar que abriga pontos comerciais, clínicas e consultórios médicos assim como as agências bancárias da cidade. Também ali estavam localizados os principais segmentos culturais do período estudado como a Escola Normal, a Igreja dos Remédios e a Igreja Matriz, as Filarmônicas, além de residências da elite feirense. Por esse motivo a alameda é considerada uma importante via para população de Feira de Santana por abrigar instituições, organismos e associações importantes para as atividades comerciais, políticas, sociais e culturais.

⁵³ (Bahia, 2002, p. 78)

4. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Livia Dias. *Feira de Santana entre culturas, paisagens, imagens e memórias visuais urbanas: um estudo que dialoga com as décadas de 1950 a 2009*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana, BA, 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo, Estação Liberdade: Editora Unesp, 2001.

CORRÊA, Diego Carvalho. *O futuro do passado: uma cidade para o progresso e, o progresso para cidade em João Durval Carneiro. (1967-1971)* Dissertação (Mestrado em História) UEFS, Feira de Santana, 2011.

DEVANTIER, Vanessa da Silva. *Visões do Urbano: a Rua XV de Novembro, Pelotas/RS*. 2013. 198p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

Dicionário - Terminologias Arquitetônicas - Colégio de Arquitetos
<http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/>. Acessado em 27 de setembro de 2018.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização 1970-1996*. 1998. 189 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 1998.

IPAC: <http://feirenses.com/patrimonios-materiais-feirenses-tombados/>. Acessado em 17 de março de 2016.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia*. In: SAMAIN, E (org.). *O fotográfico*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec/Ed. Senac, 2005.

KOSSOY, Boris. *A São Paulo fotogênica de Guilherme Gaensly*. In Guilherme Gaensly. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. *O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos*. GT de História da Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

LIMA, Carlos Alberto Alves. *De Luzes e Becos: cartografias, Itinerários e Imagens do “Complexo Rua do Meio” (1940-1960)*. 168 p. Dissertação (Mestrado de História)- Universidade Estadual de Feira de Santana. 2014.

LINS, Rafael Quintela Alves. *A cidade ferve e o bicho espreita: os dominantes e a política em Feira de Santana (1945-1964)*. 150 dissertação (Mestrado de História)- Universidade Estadual de Feira de Santana. 2014.

MAIA, Felícia Assmar. *Direito a Memória: O patrimônio histórico artístico e cultural e o poder econômico. Movendo Ideias*, Belém: v,8,2003,p.39-42.

MEIKY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.5.ed.

MOLINA, A. H. *A História contada por Imagens: as Escolas Normais do Início do Século XX e o uso de fotografias para a historiografia contemporânea*. UFES – Programa de Pós-Graduação em História. Dimensões, vol. 34, 2015, p. 457-489. ISSN: 2179-8869.

MOLINA, A. H. *Registros da paisagem urbana em algumas leituras visuais e escritas: capturas sensíveis e os espaços da(s) cidade(s)*, Revista História: Debates e Tendências, v. 16, p. 359-377, 2016.

MONTEIRO, Jhonatas Lima. *Interesses hegemônicos na margem da periferia: ação política de dirigentes industriais em Feira de Santana (1963–1983)*. Dissertação (Mestrado de História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de (organizadora). *Conhecendo Feira de Santana: olhares sobre a cidade* - Feira de Santana, BA: UEFS, 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)*. Recife, PE, 2008. 220f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia Ciências Humanas, Recife, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. *Canções da Cidade Amanhecendo: memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960*. Brasília, DF, 2011. 263f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. *Memória história e patrimônio- Perspectivas contemporâneas da pesquisa histórica*. Fronteiras, Dourados, MS, v. 12. 2010 p131-151.

OLIVEIRA, Sidney de Araújo. *A vertigem do tempo nas memórias fotográficas da Avenida Senhor dos Passos*. In: Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina – PR, 03 a 06 de maio de 2011.

OLIVEIRA, Sidney de Araújo. *Desenhando a ideia de uma “Avenida Feliz”: imagem das histórias e memória da avenida Senhor dos Passos*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O espetáculo da rua*. 2.ed.— Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1996.

PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*. – 2 ed. – Salvador: EDUFBA, 2011.

QUEIROZ, Amanda Maracajá Vaz de Lima. *Da rua para o shopping Feiraguay: desenho urbano e memória visual do comércio popular em Feira de Santana, BA (1970-2012)*. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

QUEIROZ, Marcos Vinicius Dantas de. *Quem te vê não te conhece mais: Arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930 – 1950)*. 2008. 250 f. Dissertação (Mestrado Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) São Carlos, 2008.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.

SANTANA, Ironaide da Silva. *A Salvador Moderna: representações iconográficas dos cartões-postais 1912-1916*. 2013. Dissertação (Graduação em Licenciatura em História)Conceição do Coité, 2013.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919- 1946) – Feira de Santana*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana - BA, 2012.

SANTOS, Grazyelle Reis dos. *A Literatura e Cultura em Feira de Santana Práticas, Usos e Tendências em Impresses da Folha do Norte (1951-1969)*. 2008. Dissertação Programa de Pós-Graduação de Literatura e Diversidade Cultural, Departamento de Letras e Artes, UEFS, Feira de Santana, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1999.

SIMÕES, Kleber José Fonseca. *Os homens da Princesa do Sertão: modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1928)*. Dissertação (Mestrado de História). Salvador: UFBA, 2007.

SILVA, Aldo José M. *Natureza Sã, Civilidade e Comércio em Feira de Santana – Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2000.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Eronize Lima. *Prosas da valentia: violência e modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2008.

VASCONCELOS, Cintia Portugal de Almeida Tranzillo de. Caminhando pela cidade - Itabuna: Via Litterarum, 2013.

5. FONTES

5.1. DOCUMENTOS

5.1.1. Prefeitura Municipal de Feira de Santana - Arquivo Público Municipal.

Acervo do Poder Público – 1886 - 1932.

Livro da Série de Plantas e Projetos (1916 – 1960) do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana volumes de I a VI.

BAHIA, Secretaria de Cultura e Turismo. IPAC – BA. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia. Salvador: SCT: CRC – Ba, 2002

5.2. JORNAIS

5.2.1. Museu da Casa do Sertão / Centro de Estudos Feirenses (UEFS).

Folha do Norte – 1951 a 1955; 1958 a 1964.

5.2.2. Biblioteca Municipal de Feira de Santana Arnold Silva.

Folha do Norte – 1946 a 1948; 1956 a 1957.

5.3 LITERATURA E MEMÓRIAS

5.3.1. Biblioteca Municipal de Feira de Santana Arnold Silva.

ALMEIDA, Oscar Damião de. *Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico da Feira de Santana*. 3º Ed. Feira de Santana: Edição do Autor, 2002.

FREITAS, José Francisco Brandão de. *Reminiscências de Feira de Santana. Feira de Santana*. PrintMídia, 2013.

5.3.2. Biblioteca Central Julieta Carteadó.

FALCÃO, Adnil Dias. *Olhares sobre Newton Falcão*. Salvador: IDEA Design, 2008.

GAMA, Raimundo Gonçalves (coord.). *Memória Fotográfica de Feira de Santana* Egberto Tavares Costa / et. al. /. Feira de Santana. Fundação Cultural de Feira de Santana. 1994.

5.4. ENTREVISTA

Franklin de C. Machado 01 de abril de 2016. Duração da entrevista 01 hora.